

Jornais e revistas de teatro em Portugal

Luiz Francisco Rebello



< (1) (2) (3)

Num texto recente, de grande abrangência, sobre a dramaturgia portuguesa no século XX, Maria Helena Serôdio deixou registado que “são raríssimas e irregulares as revistas de teatro em Portugal” (2004: 99), e é justa a observação sobretudo no que aos tempos mais próximos diz respeito. Mas não foi sempre assim.

Historicamente, o primeiro jornal de língua portuguesa de que há notícia terá sido a “Gazeta em que se relatam as novas todas que houve nesta corte, e que vieram de várias partes, no mês de Novembro de 1641”, que até Setembro de 1647 continuaria a publicar-se mensalmente – mas as notícias, de sucessos nossos ou alheios, que divulgava eram de natureza exclusivamente política e militar. Seria preciso que decorresse mais de um século até aparecer uma publicação periódica em que era concedido espaço à actividade teatral: a *Gazeta Literária*, do Padre Francisco Bernardo de Lima, que no Porto se imprimiu e teve a duração de um ano (Julho de 1761 a Julho de 1762). Propunha-se o seu redactor dar “notícia exacta dos principais escritos que modernamente se vão publicando na Europa, conforme a análise que deles fazem os melhores críticos e diaristas das nações mais civilizadas” – e a literatura dramática, esporadicamente embora, não foi esquecida.

Mas é no século XIX, sobretudo após o advento do liberalismo, que se assiste a uma verdadeira explosão da imprensa periódica (entre 1820 e 1823 surgem trinta novos jornais por ano, média que sobe para mais do dobro em 1836), com destaque para a imprensa especializada. Em 1813 sai o primeiro número do *Teatro Nacional*, que inseria os anúncios dos espectáculos levados à cena no Teatro da rua dos Condes; em 1825, no Porto, o *Boletim Teatral*; em 1835 um *Jornal de Comédias e Variedades*. No ano seguinte, Garrett empreende a grande reforma do teatro português

– a mais profunda e consequente da sua história –, de que um dos pilares era a criação de um Conservatório para “fomentar a Arte Dramática, e suas subsidiárias, tão abandonadas e perdidas entre nós”, lê-se no § 5.º do artigo 3.º da histórica portaria de 15 de Novembro. Em defesa das suas ideias – e do seu projecto global – o futuro autor de *Frei Luis de Sousa* fundou, em 1837, um jornal, *Entreacto*, que dirigiu (e redigiu) com o pseudónimo João Vaz, de que se publicaram vinte números entre 17 de Maio e 2 de Julho; o mesmo título seria utilizado em 1840, 1852, 1883 e, no Porto, 1879, por outras tantas publicações noticiosas, todas elas de escassa duração. Para Garrett, tratava-se de “conversar amiúde com o público sobre os seus divertimentos e moralizar sobre eles”. O *Entreacto* de 1840, porém, destinava-se praticamente a defender uma jovem cantora de ópera contra os ataques desferidos pelos adeptos de uma sua rival noutra publicação...

Começou o Conservatório a funcionar no último trimestre de 1839, e logo uma revista teve início de publicação “para sustentar o pensamento da restauração da arte dramática em Portugal”, o *Jornal do Conservatório*, que viria a ter continuidade, com o título alterado para *Revista do Conservatório Real de Lisboa*, em 1842, e, entrado já um novo século, reapareceria com esta designação, então sob a direcção do dramaturgo Eduardo Schwalbach.

Mas entretanto outras revistas foram surgindo, e logo duas em 1838, com relevância para a vida teatral da época, apesar de a sua existência haver sido breve: *A Atalaia Nacional dos Teatros*, de Junho a Agosto, *O Desenojativo Teatral*, de Julho a Setembro, dirigida aquela por Luís Baiardo, este por Rodrigo da Câmara, autores dramáticos ambos. Uma razão polémica estava na origem do seu nascimento. Enquanto se arrastavam as diligências para a construção

do Teatro Nacional para aí se "poderem decentemente representar os dramas nacionais" (e haveria que esperar ainda até 1846!), Garrett erigia o velho Teatro da rua dos Condes, "uma espelunca imunda e carunchosa" no dizer do dramaturgo Costa Cascais, à categoria de Teatro Nacional e Normal e organizava uma companhia com os principais actores do seu tempo, confiando a direcção ao actor e encenador – a palavra não existia nessa data – Émile Doux. Do seu lado, Castilho, com o apoio de Herculano, fundava a Associação Gil Vicente e formava uma outra companhia para actuar no Teatro do Salitre, crismado de Real Teatro Português, que não desmerecia no confronto com aquele: "uma baiuca", assim o definiu Anselmo Braancamp. *A Atalaia* terçava armas pelo Condes, *O Desenjoativo* pelo Salitre. E nesse despique consumiam as suas páginas...

Não diferem muito desse modelo as várias dezenas de revistas publicadas até ao fim do século, e deste até à implantação da ditadura emergente do golpe militar de 1926 e a consequente sujeição da imprensa à censura prévia. Para além da informação factual sobre os espectáculos em cena, o que avulta são as querelas de bastidores, as anedotas de camarim (e, subliminarmente, por vezes de cama...). Quase todas têm Lisboa por berço, mas eventualmente o Porto ou Coimbra, como neste último caso, a *Crónica Teatral da Nova Academia Dramática*, de 1839, ano que viu também nascer *O Elenco*, *O Recreio Teatral*, uma *Galeria Teatral* e uma *Revista Teatral*, a que sucederia no ano seguinte *A Sentinela do Palco*, na mesma linha, e com a mesma finalidade, da *Atalaia* de 39. De 1842 é *O Espelho do Palco*, e são nada menos de seis as que saem dos prelos em 43: *A Ulisseia Dramática*, *O Espectador* (com o mesmo título se publicaria um "jornal dos teatros e das filarmónicas"), *O Neorama Teatral*, *O Raio Teatral*, a *Resenha Teatral* e uma segunda *Revista Teatral* dirigida por Mendes Leal, o autor do famoso drama ultra-romântico *Os dois renegados*.

Sem a pretensão de apresentar aqui um inventário exaustivo, mencionem-se, todavia, *O Correio dos Teatros*,

O Eco dos Teatros e *O Relâmpago* (1845); a *Revista dos Espectáculos*, suplemento de um jornal que depois se autonomizou (1850-59); a *Crónica dos Teatros*, em que colaboraram Camilo, Teófilo Braga, Júlio César Machado, Biester, Joaquim de Vasconcelos e o "mimoso poeta Vidal", entre muitos outros (1861-71); o semanário *O Espectador Imparcial* (1868); *A Arte Teatral*, que tinha como redactor principal o empresário e autor Sousa Bastos e se dizia "folha instrutiva, crítica e noticiosa" (1873-78); *O Contemporâneo*, dedicado às "letras, artes, ciências, livros, palcos, quadros e salas", com colaboração de Gervásio Lobato, Salvador Marques, Pedro Vidoeira (1875-82); a folha quinzenal de crítica teatral *A Plateia* (1875-76); *O Mundo Artístico*, jornal ilustrado de música, teatro e belas-artistas, dirigido por Monteiro de Carvalho (1883); *Tim Tim por Tim* (1), revista de assuntos teatrais dirigida por Sousa Bastos para promoção dos seus espectáculos, de incómodo formato (30 x 44 cm), em que se publicou o texto integral da revista *Fim de Século* (1889-93); *A Ribalta*, semanário dedicado aos amadores dramáticos (1893), dirigida por José Garcia de Lima, que reincidiria em 1896 com *A Scena* (2, 3 e 4); *Palcos Et Circos* (1894); a revista quinzenal de música, teatro e belas-artistas *Amphion* (1897); *O Crítico*, órgão dos teatros em geral e dos amadores dramáticos em especial, sob a direcção de João Borges (1898) – sem esquecer *O Almanaque dos Palcos e Salas*, que teve longa vida pois se publicou regularmente entre 1889 e 1928.

Em medida muito diversa, todos estes jornais e revistas contêm material interessante para o conhecimento prático da história (e da pequena história) do espectáculo teatral entre nós e do meio sócio-cultural em que se inscreve. Mas não vão além disso, e com frequência ficam aquém. Uma excepção importa, no entanto, ressaltar: a *Revista Teatral*, dirigida por Joaquim Miranda e Colares Pereira, de que uma primeira série (dezanove números) se publicou quinzenalmente de Janeiro a Setembro de 1885 e a segunda (quarenta e oito números) de Janeiro de 1895 a Dezembro do ano seguinte (5). O nível crítico e literário deste periódico

(4) (5) (6) >



de "críticas e estudos teatrais" sobreleva, em muito, o de quantas a precederam, e até de muitas que lhe sucederam.

Só por si, justificaria ela que se lhe dedicasse um artigo próprio, tanto é – descontadas, evidentemente, as limitações da época – o material que nos transmite sobre o pensamento crítico num país em que (e cito um opúsculo de Carl Bush, editado em 1870, *Da crítica teatral em Portugal*) "coisa que toda a gente sabe e ninguém quer confessar, é que não existe crítica teatral".

Corroborando este juízo, os directores da *Revista Teatral* lamentariam, num texto inicial, "a ausência completa de crítica no nosso teatro", "sacrificada a delicadezas particulares, a interesses pessoais ou a tricas dos bastidores"...

Propunha-se a Revista suprir essa lacuna incluindo nas suas páginas um comentário desenvolvido sobre os espectáculos em cena (e nos palcos doutros países, com destaque para a França), detendo-se particularmente no argumento das peças e na sua estrutura externa (agenciamento da acção e das situações, desenho e comportamento das personagens) – com o acréscimo de textos de investigação ou simples informação histórica e de referência à evolução da arte dramática. Entre os primeiros, além de uma secção de "efemérides teatrais", merecem realce os estudos de Teófilo Braga e Henrique Lopes de Mendonça, aquele sobre as origens do teatro português e a fundação do teatro nacional, este sobre o Pátio das Arcas; a série de artigos de Charles Magnin e Licínio de Carvalho sobre as origens do teatro antigo e da arte dramática; os artigos relativos ao teatro na China e no Japão – e, entre os segundos, os textos de Dumas filho, Edmond de Goncourt e Zola acerca do "Naturalismo no teatro" (6) e de Pinheiro Chagas sobre a recepção do teatro escandinavo em França (Ibsen e Bjornson foram, aliás, objecto de artigos individuais). E foi nas suas páginas que Fialho de Almeida publicou o seu, depois tão divulgado, estudo sobre o teatro de revista, Augusto de Lacerda dissertou sobre a *mise-en-scène*, e pela primeira vez se traduziu o *Paradoxo sobre o comediante*, de Diderot, cento e vinte anos depois de ele o haver escrito...

Curiosamente a *Revista* recolheu também nas suas páginas excertos de obras dramáticas, como *Aspásia*, peça de estreia de Augusto de Lacerda, *A pérola*, de Marcelino Mesquita, *A toutinegra real*, de D. João da Câmara, o *Fausto*, de Goethe na tradução de Castilho, *Otelo* e *Romeu e Julieta*, de François Coppé, e *Mancha que Limpia*, de Echegaray. E não deve menosprezar-se a energia com que se bateu pela independência e a dignidade do teatro português, dos autores portugueses, dos actores portugueses, colocando-se acima das questiúnculas que os aviltavam e dividiam.

Por isso, no seu derradeiro número, ao anunciarem o seu fim, os directores puderam escrever que a sua revista "era hoje uma planta exótica no meio em que vivia" – e "morria como nasceu, intransigente e desapaixonada, honesta e escrupulosa, cõscia da sua missão e cumpridora do seu dever".

Agonizava o século XIX. Veremos, no próximo artigo, como esta situação evoluiu no que iria suceder-lhe.

Referências bibliográficas

- SERÓDIO, Maria Helena (2004), "Dramaturgia", in Fernando J.B. Martinho (coord.), *Literatura portuguesa do século XX*, Lisboa, Instituto Camões, pp. 95-141.
- PEREIRA, Silva (1895-96), "Os primeiros jornais de teatro de Lisboa", *Revista Teatral*, Lisboa, n.º 23, pp. 354-355; n.º 25, pp. 15-16; n.º 26, pp. 31-32; n.º 28, pp. 63-64; n.º 29, pp. 87-88; n.º 35, pp. 184-186; n.º 36, pp. 198-199.
- SAMPAIO, Albino Forjaz de (1924), "Revistas de Teatro", *De Teatro*, n.º 22, Julho, p. III.